

GREGORIO

o valoroso médio
do ATLÉTICO

(foto Nunes d'Almeida)



Stadium

N.º 50 ★ 17 DE NOVEMBRO DE 1943



AS RECEITAS E DESPESAS RELATIVAS AO FUTEBOL

QUEM viaja pela província com alguma demora, e tenha por isso ensejo de confrontar o que se faz em Lisboa com o que se vê fora da capital, colhe, freqüentemente, a impressão de que o futebol atravessa grande crise em quasi todo o país. E pode até chegar à conclusão de que essa crise atinge por vezes todo o desporto.

Esta crise do futebol, onde ela existe, não é propriamente de falta de gosto ou de simpatia pelo popular desporto. Num dos últimos domingos, em uma cidade em que se passam meses sem um único jogo, e onde portanto se pode considerar o futebol oficialmente sem movimentação, vimos em campo, num terreno que chegou a ser preparado para este desporto, dois grupos em desafio amigável. A crise é, pois, pelo futebol de competição. E é de clubes — e de público.

A retribuição dos jogadores, por um lado, e a monotonia criada pelos mesmos jogos locais, por outro, são as causas mais evidentes deste estado de coisas, agravado sem dúvida pela falta de conveniente orientação em diferentes núcleos desportivos.

O pagamento a jogadores, generalizado depressa por toda a parte, trouxe grandes encargos para os clubes onde não aparece facilmente quem se disponha a gastar dinheiro à larga. E a falta de entusiasmo pelos mesmos jogos, com os mesmos jogadores e com idênticas vitórias, tem afastado o público. É possível que tal afastamento resulte também de factores alheios ao desporto. Mas o que é certo é que o «deve» e «haver» dos clubes da província, no futebol, anda, em muita parte, em situação de desequilíbrio permanente. E é infelizmente certo que estas dificuldades financeiras provocam o desânimo e dão origem ao desinteresse de vários clubes.

O problema tem, pois, de ser analisado nestes dois aspectos — ver se é possível reduzir as despesas dos clubes com as suas secções de futebol, e se é fácil conseguir que o público volte aos campos e contribua para melhorar as receitas do popular desporto.

A primeira parte do problema obriga a pensar novamente na conveniência de separar os jogadores da bola em amadores e profissionais, organizando torneios para cada uma das categorias. As equipas de amadores obrigarão a despesas menores. Há, presentemente, encargos de organização elevados de mais para desafios com pouco público, convindo, portanto, pedir a sua redução. E quanto ao regresso daquele público aos campos de futebol — é preciso variar de programa e estudar cuidadosamente o problema do preço dos bilhetes de entrada, por vezes exagerado para a categoria dos jogos.

INAUGUROU-SE recentemente, e continúa a operar, o Instituto Superior Técnico, uma Exposição Suíça, que é um ex-ante documentário do progresso turístico e industrial daquele país. Com a referida exposição, procurou-se mostrar, a Portugal, o que é a Suíça — em características, actividades, exp. não e progresso.

O desporto esta, porém, pouco representado: só há fotografias de equipamentos para desportos de inverno, olis bastos e curvas. Parece nos pou o como expressão da Suíça em várias modalidades desportivas. São apenas os desportos — de réclamo.

A Exposição Suíça permite apenas apreciar o valor, nou o conhe ido do público, das instalações do Instituto Superior Técnico, n que respita a desportiva — holo ginásio, salas, uma piscina ampla, escurtes de lônias, arinho para shock yo em patins, campos para o ab-skis e o «o-ley», etc.

Não faltam, pois, instalações completas para praticar o desporto — como fazemos já de involuntariamente nas nossas pag nos, há mesee.

DE modo geral, p demo- afirmar que o desporto não tem sido esquecido nas grandes construções escolares. Há terrenos para jogos e existem piscinas em muitos liceus da capital e da provincia. São, no entanto, poucos os liceus onde se cuida do desporto a sério, por parte dos alunos e dos professores.

É a eterna contradição — uns podem, e não querem. Outros, querem, e não podem...

O Grupo Desportivo do Cimento Tejo está comemorando o oitavo ano da sua fundação. E o programa das festas abrange várias provas em diferentes disputas. O «Cimento Tejo» volta, por, a animar Alhandra com a sua organização desportiva.

Os nossos parabens.

CONTINUAM as preparações de modificação da estrutura da antiga União Velocípica Portuguesa, transformada, recentemente, em Federação Portuguesa de Ciclismo. A ideia da formação de novas associações regionais passou a limitar-se a Lisboa e Porto.

Ainda estár mais certo, porque o ciclismo é dos desportos que têm estado mais inactivos na provincia.

AS equipas da provincia que vêm ao campeonato de Portugal da I Divisão, em futebol, tiveram, tôdas elas, um campeonato apertado, no seu âmbito. São, por isso, melhores as condições de treino com que entram no torneio.

Entre essas equipas, a Associação Académica de Coimbra encontra-se em boa forma. A linha média e a defesa tem feito boas vivificações; e fala-se no regresso de Faustino, o médio-centro do clube vencedor da Taça de Portugal, há an s. O quinteto avançado parece re-amponto com a rápida adaptação de Joaquim João, na vaga aberta por Moaç, a extremo-direito.

AS pugnas disputadas por atletas portugueses no estrangeiro serão por vezes de contra prova para os nossos simpatas. Em Portugal, Bem Lavi é tudo. Em Espanha, é Augusto de Sousa quem tem melhor «arteiz»...

A Federação Portuguesa de Boxe estium a Empress Tubos — e esta tornou publico que vai reclamar do castigo e pedir um inquérito aos actos directores da Federação.

Não desajozamos discutir as razões do castigo — e da reclamação. Mas queremos dizer que seria muito melhor aplicar a favor da propaganda do boxing o tempo e o dinheiro que se perdem nestes «razões».

ENTRE nós, o pugilismo amador continúa abandonado, não obstante ser pelo amadorismo que se começa. No estrangeiro o são, pelo contrário, freqüente a as organizações para amadores. É certamente por isso que o «boxing» tem lá fura melhores cultores — e desperta mais entusiasmo.

Para citar um exemplo, acrescentamos que acaba de se disputar, em Alentejo, no puz ovinho, um «matoh» entre a selecção de Espanha (A) e a respectiva equipa B, ganho pela primeira por boa diferença de pontos.

O desporto corporativo continúa a movimentar-se, parece que cada vez mais dentro das suas características. Isto é, à margem da actividade especial dos clubes que se dedicam ao desporto. Não há, portanto, concorrência entre orgunismos corporativos — e clubes especializados.

Com esta orientação, que é a melhor, prepara-se o campeonato corporativo de futebol, organizado pela F. N. A. T. O ruzio deve começar em 5 de Dezembro. Não p-ã m alinhar jogadores inscritos na A. F. L. há menos de dois anos. E o campo a ulz zar é o da F. N. A. T. — em Belém.

INAUGUROU-SE, recentemente, a «Casa de Mocidade», destinada à Mocidade Portuguesa. A «Casa da Mocidade» inclui instalações e campos para a prática de vários desportos.

Entre as instalações que podem ser já aproveitadas figura uma piscina. As provas desportivas da «Mocidade Portuguesa», freqüentes e bem organizadas, vão, pois, ter local apropriado — quanto a natação e outros desportos, entre os quais se destaca a esgrima.

A actual época de futebol tem sido brilhante para o Belenense, dando até ideia de uma preparação que não é de agora, mas que só agora produz resultados mais completos. O Belenense não tem de facto a boa classificação limitada à categoria de honra. Ganhou, já, o campeonato de reservas — e mantém o terceiro lugar em algumas categorias.

O Belenense conseguiu ainda outro resultado lisongeiro — o da melhor classificação por pontos no conjunto das três categorias em que se disputa o campeonato regional de Lisboa.

ANDAM em disputa várias provas de tiro reduzido, depois de fecho da série das competições organizadas pela Sociedade de Tiro n.º 2, antigo Grupo Pátria. A mais importante das novas provas é a da taça «Ourense», iniciativa do Clube Atlético de Campo de Ourique.

AS provas de ar livre cedem o seu lugar às provas em recintos fechados. A de ar livre limitam-se a desportos de inverno. Mas são inúmeras, ainda assim. Por enquanto, apenas o futebol está em plena actividade. O «shock» e o «hock» em patins comparecem, t davia, a ter movimentação. O «hock» em campo não deve d-morar. Vêm depois o «aird-bull», o «volleys», o «arujis», etc. Em Espanha, comparecem as provas de «air-bull». Entre nós o mo de costume, não-de vir um pouco mais tarde...

ANO XI — Lisboa, 17 de Novembro de 1943 — II SÉRIE, N.º 50

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e Impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e Impressão tipográfica na
GRAFICA SANTIAGO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

DE 1918 A 1943 — VIDA E TRABALHO

que é a maior riqueza e garantia do futuro

É do domínio público: o Lisboa Gimnásio Clube está em festa pelos seus vinte e cinco anos de existência. O acontecimento, na vida desportiva portuguesa — é transcendente.

O Lisboa Gimnásio está em lugar aparte no concerto do desporto em Portugal. Com 25 anos de vida é realmente difícil a uma agremiação marcar personalidade forte e consciente — como conseguiu o Lisboa Gimnásio!

Pode afirmar-se que nesse período de tempo não perdeu um ano... Aplicou-se desde início a uma obra e, seguindo sempre norteado pela ideia que presidiu à sua fundação, tem mantido inalterável o seu labor — em continuo ritmo progressivo.

Época heroica foi aquela em que uma assembleia geral tinha por cenário meia dúzia de cadeiras, se tanto, e uma toska mesa. A paixão pela causa e a «corôlicas» davam-se as mãos, confundindo-se nos sentimentos irrequietos e conturbados dos momentos hesitantes em que se iniciaram os primeiros passos.

Tudo era sonho, alimentado, é certo, por seiva nova e irreverente, para a qual não havia obstáculos intransponíveis — que afinal existiam a cada instante.

Lançavam-se as bases da colectividade. Compravam-se os primeiros aparelhos para dar consecução prática aos desejos de actividade dos sócios. Limpavam-se até as telas de aranha que emolduravam a cave histórica onde o Lisboa Gimnásio ganhou expressão. E nos poucos, nos baldios que a pobreza dos cofres não pôde evitar, mas sempre alegre e optimista, o L. G. C. foi andando, aliciando adeptos e vencendo momentos agrestes.

Da cave saiu para o edifício da rua Francisco Lázaro. A mudança suscitou controvérsia e até indignação — porque a casa era muito grande, desnecessariamente grande... Os de vistas largas, não se intimidaram, pensando no futuro. Que fizeram bem, que a razão estava do seu lado, di-lo o presente, de maneira categorica, pois o clube asfixia, estrangula-se nas par-des onde vive hoje.

As normas pedagógicas adoptadas no Lisboa Gimnásio mereceram sempre das direcções especiais cuidados, pois eram a base da agremiação. O corpo docente recrutava-se no escol nacional e no melhor que do estrangeiro viera. Recordo-nos um correctissimo professor de gymnastica sueca, o belga Ives Gérard, que deixou nome grande e obra fecunda. Os métodos seguidos mantinham-se ao nível permanente de todas as evoluções e aperfeiçoamentos. Deade a alta gymnastica os portuguezesíssimo jogo do pau, o L. G. C. apresentava o «supra-umano» dos mestres. Sobre tudo isto, a ordem e a disciplina internas, cuidadosamente defendidas (aliás sem esforço, diga-se) asseguravam a produtividade do trabalho.

Sefa uma direcção, outra entrava — e a directriz inicial não era alterada. Os que vinham de novo queriam fazer melhor, em competição ou emulação isenta de espirito comensal, impregnada de notável e intelligente sentido de oportunidade e progresso.

Transcorridos vinte e cinco anos, cabellos brancos galhados na cabeça de fundadores que vivem ainda, o Lisboa Gimnásio é uma colectividade nova, permanentemente em vibração, agindo sob o impulso da alegria e da força de vontade — que se tornam atributos indivisiveis de quem uma vez lá entrou!...

As comemorações das «Bodas de Pratas», que vão prolongar-se ate Maio, mostrarão ao país, de forma reforçada — se acaso é possível reforçar o que tão amplamente tem sido demonstrado — o extraordinário nível pedagógico do L. G. C.

Na sua sede estão em curso grandes obras. O salão do gymnásio está a ser ampliado, podendo passar a comportar mais uma centena de gymnastas. Em todo o edificio corre certa aragem de transformação que não é mais do que a ansia de aproveitar ao máximo as possibilidades da casa. Enquanto não puder mudar-se, o clube terá cada vez mais a necessidade de não perder um metro de espaço aproveitável...

COMBATES E ARBITRAGENS

Notas de RAFAEL BARRADAS

O atorismo, já muitas vezes consagrado, de que tudo quanto é demais é nocivo, pode aplicar-se tanto à demasiada monotonia destas crónicas como às intervenções constantes de um árbitro... Se aquelas são inevitáveis, porque para colher é preciso acmeur — e nessa esperança temos coligido estas notas — as outras são francamente prejudiciais.

Um bom árbitro não chama sobre a sua pessoa nem a atenção do público nem a dos jogadores. É como o homem perfeitamente elegante: não dá nas vistas... Quando o match findou é que toda a gente se apercebeu de que, no ring, havia três pessoas, ou então quando um incidente solicitou que a sua autoridade se impusesse a bem do jogo.

Nós supomos isto: tão verdadeiro e flagrante nos combates de boxing, como em qualquer outro desporto de competição.

Em síntese, poderemos relatar as qualidades essenciais de um bom árbitro:

- 1.º — Não ter defeitos físicos aparentes que tolham a sua mobilidade;
- 2.º — Conhecer perfeitamente os regulamentos do jogo;
- 3.º — Poder conservar-se calmo em qualquer ocasião, para intervir com segurança;
- 4.º — Conhecer onde cessam as suas atribuições, para as impôr sem as exceder;
- 5.º — Obedecer ao espirito e à letra das regras do jogo, e não as criar por si mesmo;
- 6.º — Saber, em qualquer instante, qual dos pugilistas está dominando; assim poderá proclamar a decisão immediatamente;
- 7.º — Ser imparcial mas enérgico nas suas resoluções;
- 8.º — Não tocar nos jogadores. As suas palavras deverão ser: «alto!», «separar!», e poucas mais, que se relacionam directamente com a acção;
- 9.º — Sentir quando se deve suspender um combate. Antes demasiado cedo do que tarde;
- 10.º — Verificar antes dos combates o estado do ring e dos seus acessórios;
- 11.º — Tratar agradavelmente os jogadores, tornando-se simpático e não agreste nas suas mútuas relações;
- 12.º — Mover-se no ring constantemente e ao longo das cordas, procurando estar longe e não perto dos pugilistas.

Estes doze mandamentos são visivelmente essenciais e lógicos. Por isso mesmo não nos deteremos a analisá-los nem a desenvolvê-los. O nosso desejo seria que os árbitros se mirassem de frente neste espelho e se corrigissem o mais possível.

Um erro de arbitragem não é nem uma novidade nem uma novidade. Mas certos erros podem trazer consequências funestas e, neste particular, está o problema essencial das arbitragens.

É poderá um árbitro tornar-se responsável por um acidente que venha a dar-se no ring? Evidentemente. Basta que, no desempenho das suas funções, não intervenha e suspenda a tempo um combate desigual, cujo desfecho possa ser desastroso.

Entre nós, felizmente, o caso é ainda desconhecido. Mas as oportunidades têm sido muitas e ninguém pode prevêr o modo como o poder judicial actuará. Em nossa opinião, as responsabilidades existem, se não em todos os casos, pelo menos em muitos deles ou quasi todos, envolvendo quer o organizador e o ár-

bitro, quer o médico e a autoridade policial presente.

bitro, quer o médico e a autoridade policial presente.

Em quasi todos os países onde o pugilismo se encontra mais desenvolvido, o assunto está bem esclarecido. Em Portugal é uma incógnita — que a Direcção Geral dos Desportos, possivelmente, devêr nãdar, estudando, ou não, os processos escolhidos no estrangeiro. Em qualquer das hipóteses, a actual situação de ignorância é anormal e contra ela temos bradado, no deserto, há mais de quinze anos!

Os casos fatais imediatos podem resultar do seguinte:

- 1.º — *Condições físicas permanente ou temporariamente reduzidas* — Cabe aos médicos que inspecionem os jogadores, por meio de um rigoroso exame, evitar que os pugilistas subam ao ring fisicamente inferiorizados.
 - 2.º — *Má construção ou montagem dos recintos do jogo* — É da responsabilidade da organização e do árbitro, que deve inspecionar tanto o quadrângulo como os acessórios.
- O art. 84.º do regulamento da F. P. B. determina que o solo do retângulo deve ser sólido, sem fend-s e coberto com feltro da espessura, pelo menos, de um centimetro. O conjunto será tapado com uma lona esticada, de modo que tudo ultrapasse, cerca de meio metro para o exterior, a área limitada pelas cordas. Mais adiante determina-se, no mesmo artigo, que os postes sejam almofadados e colocados a mais de 30 centímetros dos quatro ângulos.
- 3.º — *Não suspender um encontro manifestamente desigual* — Logo que um pugilista se mostra incapaz de defender os golpes que lhe são «estados»; cambaleia, com os braços estendidos ao longo do tronco; vira as costas ao adversario e procura fugir à punição que o persegue; quando o seu oitêr é vago e indeciso e já foi lançado a terra por mais de uma vez; em resumo, quando está de pé mas praticamente fóra-de-combate — impõe-se a suspensão imediata do espectáculo. Não agir assim, é, para um árbitro que se preze, a exautoração e a degradação feita por si mesmo.
 - 4.º — *Golpes irregulares* — Os golpes baixos, os «bicos nos rins», os golpes com a mão aberta, o *pivot-blow*, a cotovelada, a cabeçada, o golpe na nuca, o empurrão com o ombro, etc., são outros tantos golpes irregulares, cujo emprego pode, até certo ponto e em certos casos, ser fatal. O protector individual de alumínio, ou mesmo o de or comprimido, são suficientes para resguardar o baixo ventri. O *pivot-blow* é inofensivo e a sua execução convencional, tendo, apenas, s-bor arcaico. Os golpes na nuca e nos rins é que são de temer, juntamente com a cabeçada e com a cotovelada. Tudo está nas mãos do árbitro: se não evitá-los, pelo menos puni-los.

Terminamos aqui as notas que temos alinhavado sobre arbitragens. Nelas se reflectiu o essencial e o indispensável que, para muito boa gente, era assunto conhecido de cór e pelos dados — mas que sempre foi útil recordar e afinar...

Que nestes assuntos de pugilismo o que sobra, ao invés do mercado, é o *sabão*. Pôço descomunal de cativante sabedoria, embora enfiado ou só alfabético, segue o nosso conselho e guarda no canto de uma gaveta estas coisas que vimos publicando sobre assuntos de boxing. Durante anos temos lido, estudado e comparado — e, pelo menos, quando nos chega a vez de dar uma opinião, ela é documentada e independente. Duns coizas muito de apreciar...

MANUEL SOEIRO

despede-se da actividade

POUCOS atletas têm durado tanto como este Soeiro Vasques, verdadeiro exemplo de longevidade desportiva e de selectismo. Jogador de futebol e de «hockey» em campo, uma dúzia de vezes internacional na primeira modalidade, praticante de atletismo — tendo até merecido a honra de representar Lisboa num «match» com o Pôrto — Manuel Soeiro é dos melhores atletas que se conhecem. Vai agora abandonar a actividade, e, pelo que fez, bem merece a consagração. A sua festa de despedida effectua-se no dia primeiro de Dezembro.

Manuel Soeiro Vasques, que foi dos melhores «center-forwards» portugueses, nasceu na vila do Barreiro, em 17 de Março de 1903. Tem, por consequência, 35 anos — uma idade ainda boa para praticar desporto... Mas Soeiro entende que é a melhor altura de sair, talvez por sentir que a sua época passou. E no entanto o atleta não perdeu facultades, a-pesar-de ir a caminho dos 40...

A sua carreira começou, há vinte anos, no Lusó do Barreiro. Foi num torneio de futebol, para disputa da taça «Alvaro Gaspar», justa homenagem a um dos mais habilidosos jogadores portugueses, malabarista por intuição. Felipe dos Santos, que foi, também, um «ás» do futebol nacional, «descobriu» no pequeno Manuel um rapaz zeiteiro — e aproveitou-o logo. Soeiro cumpriu fielmente as indicações do então treinador do Lusó. E impõe-se. Três anos de estágio no «team» infantil e, depois, mais altos vãos... Em 1916-17 disputava o campeonato de Lisboa de 3.ª categoria. Ainda pelo Lusó. E em 1931 alinhava na equipa principal do clube da sua terra. Marca-se a data da sua estreia: 18 de Outubro.

O temperamento de lutador do barreirense — qualidade que nunca perdeu, a-pesar-do correr dos anos! — impo-lo à critica e ao público. No mesmo ano da estreia era seleccionado três vezes pela equipa de Lisboa e no ano seguinte fazia a sua estreia internacional... Ascensão rápida e, pode dizer-se, brilhante. Entretanto, Soeiro praticava também atletismo e «hockey» em campo por «Os Treze», um clube de sua feição e para onde Domingos Pinto o levava. Mais tarde, o mesmo Domingos Pinto trazia-o para o Sporting, clube por que conheceu os maiores triunfos na sua carreira.

Diga-se, entretanto, que Soeiro Vasques — durante dois anos o condutor da linha de ataque do Lusó — recebeu, por alturas da sua entrada no Sporting, vários convites: do F. C. do Pôrto, do Belenenses, do Académico e do Benfica. Mas preferiu acompanhar o seu companheiro de equipa de atletismo e grande amigo de sempre...

Veja-se que até nisto o barreirense demonstrou saber interpretar o sentimento da camaradagem. E' que o desporto é uma grande escola de virtudes, que gera amizades e lealdades. No ano da sua estreia pelo Sporting, Soeiro conquistou duplo triunfo: os campeonatos de Lisboa e Portugal, tendo na final do torneio máximo jogado contra o Barreirense — um clube da sua terra... — e feito os quatro «goals» que serviriam para a vitória. Foi um belo prémio — de que Soeiro nunca se esqueceu — como não olvidou, também, que num ano ganhou os três torneios de futebol pelo Sporting, (os campeonatos de Lisboa e nacional e a Taça de Portugal) sendo ainda o «goal-keeper» das três provas...

Para a sua festa de despedida, Soeiro escolheu um programa sensacional. Nada menos que um jogo entre os melhores clubes da sua terra (Barreirense e Lusó, eternos rivais...) e Benfica-Sporting, o «derby» do futebol lisboense, quiza nacional! E' uma bela tarde de futebol em perspectiva — e em tudo digna do nome do atleta que a proporciona ao público.

Carreira brilhante e «palmarés» dos mais interessantes. Veja-se:

Quatro vezes campeão nacional e dez de Lisboa, em futebol; 1 vez vencedor na «Taça»; 12 vezes internacional de futebol e 15 seleções pela A. F. L.; seis finais do campeonato de Portugal, quatro ganhas e duas perdidas, estas com F. C. do Pôrto e Benfica; dois campeonatos nacionais de atletismo, pelo G. D. «Os Treze» (com Domingos Pinto, Jacinto Duarte e Helder Cunha), nas estações de 4x200 e de 4x400 metros; ainda em atletismo, um campeonato de Lisboa de júniores (lançamento do disco) e segundos lugares no lançamento do peso e em 400 m. barreiras, atrás de Martins Vieira, um «nome» do desporto. E, finalmente, seleccionado para o 4.º Pôrto-Lisboa, em atletismo, na capital do norte, em 1932.

Campeonatos ganhos: de 1933-34 a 1938-39 (seis anos seguidos), pelo Sporting, na 1.ª categoria de futebol; em 1939-40 (reservas) e mais três anos (de 1940-41 a 1942-43) ainda pelo «team» de honra e no Sporting. Quere dizer: desde que joga pelo clube dos «leões», só uma vez não foi campeão em 1.ª categoria (mas foi-o na reserva...) tendo conquistado dez títulos consecutivos de campeão de Lisboa de futebol. Um «récord» interessantíssimo...

Para finalizar damos a lista dos jogos internacionais e pela A. F. L. em que tomou parte, que foram os seguintes:

Jogos internacionais:

1.º Portugal-Iugoslávia (3-Maio-932, em Lisboa) — Vitória de 3-1. Nesse jogo Soeiro, ainda representante do Lusó do Barreiro, marcou o «goal» do triunfo.

12.º Portugal-Espanha (6-Maio-935, em Lisboa) — Empate de 3-3. Neste desafio Soeiro, já no Sporting, marcou o «goal» do empate.

1.º Portugal-Austria (26-Janeiro-936, no Pôrto) — Derrota por 2-3. Soeiro marcou o segundo «goal» dos portugueses.

1.º Portugal-Alemanha (27-Fevereiro-936, em Lisboa) — Derrota por 1-3.

13.º Portugal-Espanha (12-Janeiro-941, em Lisboa) — Empate de 2-2.

3.º Portugal-Hungria (4-Fevereiro-941, em Lisboa) — Vitória de 4-0.



Soeiro praticante de atletismo



Como Soeiro marcou um «goal» nas redes da selecção da Austria

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA

14.º Portugal-Espanha (16-Março-941, em Bilbao) — Derrota de 1-5.
 2.º Portugal-Alemanha (1-Maio-941, em Francfort) — Empate de 1-1.
 1.º Portugal-Suíça (26-Maio-938, em Milão) — Derrota por 1-2.
 2.º Portugal-Suíça (14-Junho-938, em Lausana) — Derrota por 0-1.
 3.º Portugal-Suíça (19-Fevereiro-939, em Lisboa) — Derrota por 3-4.
 16.º Portugal-Espanha (16-Março-941, em Bilbao) — Derrota por 1-5. Na véspera do seu último jogo internacional Socero tinha feito 33 anos...

Jogos pela A. F. Lisboa:

25.º Pôrto-Lisboa (15-Novembro-931, em Lisboa) — Vitória de 3-2.
 5.º Lisboa-Côimbra (22-Novembro-931, em Lisboa) — Vitória de 5-2.
 26.º Pôrto-Lisboa (6-Dezembro-931, no Pôrto) — Derrota por 1-2.
 2.º Lisboa-Asturias (30-Outubro-932, em Lisboa) — Derrota por 1-2.
 27.º Pôrto-Lisboa (4-Dezembro-932, no Pôrto) — Derrota por 2-6. Nestas cinco selecções Socero era ainda do Lusó do Barreiro.
 30.º Pôrto-Lisboa (10-Junho-934, no Pôrto) — Vitória de 3-1. A partir desta altura já Socero foi seleccionado como representante do Sporting.
 31.º Pôrto-Lisboa (6-Janeiro-935, no Pôrto) — Vitória de 3-2.
 32.º Pôrto-Lisboa (13-Janeiro-935) em Lisboa — Vitória de 3-0.
 33.º Pôrto-Lisboa (9-Maio-937, em Lisboa) — Vitória de 2-1.
 34.º Pôrto-Lisboa (11-Julho-937, no Pôrto) — Vitória de 3-2.
 1.º Lisboa-Sevilha (7-Maio-939, em Sevilha) — Derrota por 1-5.
 35.º Pôrto-Lisboa (7-Dezembro-939, no Pôrto) — Vitória de 4-0.
 37.º Pôrto-Lisboa (15-Dezembro-940, no Pôrto) — Vitória de 6-3.
 38.º Pôrto-Lisboa (22-Dezembro-940, em Lisboa) — Vitória de 4-3.
 40.º Pôrto-Lisboa (11-Janeiro-942, em Lisboa) — Vitória de 4-0.

NOTA — Foi ainda seleccionado duas vezes pela colligação BSB (Belenenses-Sporting-Benfica), uma delas contra a «selecção nacional do Brasil, que vinda de tomar parte no II campeonato do Mundo.

Jorge Monteiro



TIRO — Os concorrentes à «Prova Outono», organizada pelo C. A. Campo de Ourique



Uma das classes de ginmástica do Grupo Desportivo da Casa Vaultier, reabertas na última semana



Como Socero jogava...

BICICLETAS



“FLECHA”



O popular Benfica também reabriu as suas classes de ginmástica. A gravura mostra uma daquelas classes, com o seu professor, sr. capitão Noronha Paulino

COM TODAS AS HONRAS O BELENENSES É O CAMPEÃO DE 1943

Apreciações sobre os jogos, os «teams» e os jogadores

Comentários por TAVARES DA SILVA

O cair dos torneios tanto pode ser emocionante como triste. Os campeões — é certo — são conjuntos de des. Mas nem todos os jogos têm igual valor. Não referindo já a sua importância técnica e a força do passado que reveste certos encontros de tintas especiais, cabe dizer que nada há para dar emoção como o interesse pela classificação — a conquista dos pontos ser, ou não, um caso de vida ou morte.

Ora o campeonato de Lisboa de 1943 já acabou — terminando embora no próximo domingo... Posses-se tudo como se passar na última jornada, o título de campeão já se encontra em poder, por sinal, das melhores mãos. Fosse precisos os pontos no Belenenses, e a partida do último dia, entre esse clube e o Benfica, seria qualquer coisa do muito falado. Assim, não, e daí o ar triste deste fim de torneio ao qual só a curiosidade de saber se o Belenenses limpa dá ainda um raio de sol.

Já se presumia que, na nona jornada, a um salto do campeonato maior, tudo decorresse com pacatês, aqui e ali com uma escaramuça, mas no fundo sem audácias. Só na Tapadinha o horizonte estava enoberto. Com nevoeiro...

Os esforços do Atlético para se impôr, no nívelamento de forças operado no campeonato de Lisboa, têm sido reais e patentes. A equipa não se resigna a perder e lançou-se à conquista do *quarto lugar* — que, aliás, lhe abre as dobradas portas do Campeonato Nacional. O Atlético, ou nos enganamos muito, ou os factos vão confirmar este modesto juízo, tem aspirações mais vastas. Não se limita a querer o *quarto lugar*. Quere também provar que o merece. Assim se justificando a sua exibição de que adiante damos conta nos seus traços essenciais.

De nada serviu a nona jornada? Não vamos tão longe. Tudo se passou como estava previsto. Mas ela teve o valor de *ponto final* nas questões que vinham a debater-se com entusiasmo e maiores ou menores probabilidades. Apurou-se definitivamente o seguinte:

Que o Belenenses é o novo campeão de Lisboa. Que o Atlético entrará no Campeonato Nacional.

Outra coisa, também importante, ficou apurada, ainda que o próximo domingo a possa rectificar:

Que compete ao Fósforos, no último pôsto, sofrer mais uma vez o ataque naturalmente ambicioso do Estoril Praia, a equipa que, não tendo conseguido entrar para a 1.ª Divisão, se afasta muito, em valor, da 2.ª, levando-nos a dizer que é pena não haver lugar na organica actual para sete clubes no conjunto de honra.

A nona jornada, de modo geral, não nos deu o futebol dos grandes momentos. Tanta coisa nos disse e re-olheu, porém, que importa afirmar que para muito serviu. Como fim do fim.

Empate na Tapadinha. Considerações que sugere...

Fazem-se acusações de desorientação à equipa do Benfica por ter empatado na Tapadinha. Há aqui uma ideia falsa. Que o Benfica se tenha *desorientado* — principalmente na 2.ª parte, quando o Atlético apertou as malhas da rede, dominando em jogo e território, estamos de acordo. Mas o empate — por si só — não denota desorientação. Nem sequer se poderá considerar aquilo que em futebol se costuma designar *surpresa*. Pelo potencial manifestado pelo Atlético, no decorrer de todo o torneio, mas principalmente no seu campo — qualquer *team* português, seja ele qual for, poderá ali

perder, quanto mais empatar. O Belenenses, por exemplo, viu a sua acção na Tapadinha facilitada pela lei das lesões, e logo na pessoa quasi insubstituível do guardião adversário. Mas já o Sporting sofreu um «calor» — indicação clara da temperatura quente que pesa e quasi abafa o visitante, na Tapadinha.

O empate, no entanto, surpreende um pouco — pelas condições em que foi realizado. Isto é, tendo o Benfica obtido dois *goals* no primeiro tempo, embora a ameaça alcantarense se fizesse sempre sentir. No intervalo, a ideia da vitória deve ter-se enraizado na *cabeça do grupo*. O *team* deve ter entrado no terreno para jogar a 2.ª parte com a orientação preconcebida da defesa dos dois *goals*. Mas o Atlético é que partiu para a conquista com um vigor físico e técnico que transformou todos os cálculos benfiquenses. Vê-se perfeitamente, pela forma como as coisas decorreram, que o *empate* não caminhou de braços abertos para o Atlético. Pelo contrário, foi o Atlético que buscou encarnicadamente o *empate*, o qual fugiu sempre até que, exausto de forças, se lhe entregou, a cinco minutos do último apito. Certo, se a sorte tem bafejado o Atlético, o empate da Tapadinha ter-se-ia transformado em vitória *atlética*, justo prêmio a um clube que não se limita a vegetar, mas que quere viver, triunfar — impôr-se.

É claro que os *teams* estavam animados por ideias diferentes: o Benfica não tinha os olhos postos no resultado como acontecia com o Atlético. Mas isso não é suficiente para justificar o desfecho. Ele deve também filiar-se no sensível abaixamento da defesa benfiquense, globalmente considerada.

Por outro lado, o ataque do Benfica não esteve em esplendor. Rogério, o novo *interior*, parece ter feito uma exibição muito abaixo da sua última *medida*. Daqui poderá concluir-se que o rapaz não tem condições, ou não será capaz de fazer o *lugar*? A resposta afirmativa não deixaria de ser uma conclusão precipitada. Se até os grandes jogadores aclimatados por longa permanência numa posição têm más tardes — por que não há-de tê-las um jogador ainda em fase de adaptação?

Uma das virtudes do Atlético consiste precisamente em o grupo se apresentar como um *bloco*. A orientação é indiscutivelmente boa. Desde que o clube não pode dispor de *grandes unidades*, individualmente consideradas, claro que a única forma de cumprir a sua função será a tendência para o jogo exclusivamente colectivo, mais e mais apertados os laços de homem para homem. Em todo o caso, é justo salientar o brilhante comportamento de Gregório, que está agora a ter a sua *aura*, como a crítica unanimemente afirma. É o esteio do Atlético.

O Sporting abandonou o sistema das fantasias — Como o médio-centro influi no Unidos!

O Sporting marcou, no seu lindíssimo campo do Lumiar, e na primeira parte do seu jogo, quatro *bolas*, com facilidade impressionante. O valor dos *goals* depende sempre do adversário. Mas é fora de dúvida que os homens do Lumiar A são adversários perigosos, pela sua fogueira no ataque e pela comprovada experiência da sua defesa.

Os quatro *goals* tanto podem indicar *alguma coisa* como nada significar. Bem podia ter-se dado o colapso do Unidos, desorganizando-se a equipa. Deste modo, as *bolas* m recadas seriam um depoimento contra o vencedor, e não um atestado de mérito do vencedor.

Ora, na verdade, o Unidos foi o Unidos de

sempre. Assim, o primeiro tempo do Sporting alguma coisa quere exprimir.

Não é segredo para ninguém que o *team* sportinguista, algo diminuído de valor (pensamento dos factos não interessa), tem vindo em bolandas. Já frísamos curro dia essa orientação esquisita de, em seis ou sete jogos, se terem feito outras tantas experiências. Se se tivesse procedido ao invés, isto é, ter-se uma *linha* e insistir-se nela, embora com as correcções necessárias mas inteligentemente produzidas, o Sporting não teria chegado ao cáos, dando mostras de mais profunda das desorientações. Cáos de que parece quere libertar-se...

Está a ora a fazer-se — a todo o tempo é tempo — o que ha algumas semanas se deveria ter feito. E a *linha* avançada, como resultante, apresenta-se com um valor e potencial de que já nos desabitua. Essa *linha* conseguiu, posto que só numa *parte*, o que tanto pode significar falta de fôlego (o que custa acreditar) como falta de treino de conjunto, futebol do melhor nível, e, caso curioso, a velha maneira do Sporting, que tem o sinal do conhecido treinador húngaro.

Mantem-se tudo quanto se tem dito de Albano, a melhor revelação de 1943 e jogador de futuro, caso consiga ultrapassar a lei das lições, coisa difficilissima, dada a tarefa a que se entregam alguns elementos que contra ele jogam. Renasce o antigo dominio da b. l. de Armando Ferreira que, quando em vela, dá leis no travar e despedir da bola. Surge um *interior* de boa média, Antnio Marques, jogador de pés de *shot* fulminante, e com outras qualidades que não são de deitar fora.

Com tudo isto — estão postas de lado as fantasias? Nunca fiando. Todavia, a colocação de Paciência no eixo do grupo constitui já sintoma salutar (no domingo vimos todo o jogo das *reservas*, e por isso podemos garantir que P. Pereira, naquela pôsto, nem na categoria inferior cumpre, pela demora na procura da bola, pela falta de velocidade na corrida e pela reconhecida impotência do seu *shot*.)

Como reforço afirmemos que o bom trabalho quasi exemplar, da *linha* da frente sportinguista, não foi tarefa fácil, pela dificuldade oposta por dois jogadores que se chamam médios-alas, direito e esquerdo. Porque estes, sentindo o perigo, procuraram sempre o contacto com os *interiores*, fazendo-o com a pertinácia e habilidade que lhes são peculiares.

Todo o peso do ataque do Sporting caiu, portanto, sobre Baptista e Felix? Quasi todo, em verdade, não falando nas ocasiões em que a bola transpôs a *linha* de médios, pois Eduardo Santos, forte e seguro, esforçado e ágil, constituiu sempre um obstáculo. Porque Carlos Pereira, com viciosa colocação no sistema adoptado, pratica um jogo mais pessoal do que colectivo. Chega a parecer impossível como se diz que este rapaz consegue jogar hoje como nos seus bons tempos. Porque dizer isto, nem sequer é eloziá-lo, mas diminuir-lo. Como joga ele — agora? Passando a bola para o lado, não accorrendo às situações difíceis, vivendo das *deixas*, como expressivamente o afirmava no domingo passado o crítico Aives dos Santos. Consequência: o jogo global da equipa sofrer a influencia desta orientação, aparecendo baralhado, confuso, sem forma nem feição. Porque os três *goals* da segunda parte são pormenores. Quasi não cabem na visão geral do jogo e conjunto.

Um Belenenses disposto a caminhar sobre vitórias...

O Belenenses não gostou da maneira como as coisas correram em Marvila. Os seus jogadores não esqueceram os *ditos* maravilhosos. Por outro lado, a equipa tem mostrado devidamente o empenho de não escorregar. E para isso torna-se necessário ter sempre presente a ideia de que os desafios mais simples, pelas circunstâncias do próprio jogo, se transformam algumas vezes em partidas difficilissimas.

Em semelhante estado de espirito belenense, o Fósforos grupo entusiástico mas modesto, ainda por cima desconhecendo por completo o terreno relvado) estava batido, mesmo antes de entrar nas Salésias. E a propósito, os clubes fortes, e poderosos, costumam desculpar-se de algumas acções pouco brilhantes e frutíferas, com as minguidas dimensões dos campos modestos — por exemplo, o dos Fósforos. Pois parece-nos que o Fósforos poderá

Outros torneios de futebol

alinhar pelo seu lado alguns argumentos referentes ao campo que, em parte, desculpem e atenuem a sua vinda derrota.

De resto, os números são expressivos, e quando assim acontece — não há margem para comentários. Tivemos, nas Saésias, importa frisar que o que dominou sempre foi a superioridade técnica de Belenenses — o jogo e a insegurança movimentos que se devem já considerar como *requilates* de alto jogo — mas essa não se traduziu em vantagem territorial permanente. Quê re dizer, a diferença dos nove goals do vencedor, dando a entender que o jogo se desenvolveu minuto a minuto no campo ocupado pela gente de Marvila, dá uma idéia falsa. Pelo contrário, os rapazes de Fósforos, devido à sua energia, brio e sentido das responsabilidades, forçaram por vezes o andamento do jogo em termos de lhas pertenciam muitas iniciativas.

O resumo da partida das Saésias pode dar-se neste traço: a lha pôs frente a frente o melhor *team* português de momento e um *one* simplesmente esforçado. Como não podia deixar de ser, este sucumbiu, dando, no entanto, boa nota do seu temperamento.

Os números falam...

A classificação geral não sofreu alterações. Os postos são ocupados pelos mesmos clubes, e as posições encontram-se tão perfeitamente definidas que só uma fraca dívida resta — a que diz respeito ao lugar da lanterna vermelha. Vejamos:

1.º *Belenenses* — 27 pontos (9 vitórias em 9 desafi s. 47-10 em bolas) 2.º *Benfica* — 23 pontos (6 vitórias 2 empates e 1 derrota, 37-20 em bolas). 3.º *Sporting* — 20 pontos (5 vitórias, 1 empate e 3 derrotas, 27-23 em bolas). 4.º *Atlético* — 16 pontos (3 vitórias, 1 empate e 5 derrotas, 23-30 em bolas). 5.º *Unidos* — 11 pontos (1 vitória e 8 derrotas, 21-30 em bolas). 6.º *Fósforos* — 11 pontos (1 vitória e 8 derrotas, 14-47 em bolas).

A décima e última jornada do Campeonato de Lisboa de 1943-44 disputou-se no próximo domingo com a seguinte distribuição de encontros: *Benfica-Belenenses*, *Unidos-Atlético*; e *Fósforos-Sporting*.

O jogo do Campo Grande não encerra interesse de classificação. Mas a luta será brava. O *Benfica* tentará vencer uma carreira vitoriosa. Os outros desafios são bem mais valiosos para o *Unidos* e *Fósforos* do que para o *Atlético* e *Sporting*. A espada está sobre a cabeça de *Fósforos*. Mas o *Unidos* ainda não afastou de todo o perigo.

Campeão da reserva — Belenenses. De segundas — Benfica

O *Belenenses*, em reservas, está apurado campeão. Este *team* seguiu na esteira do primeiro grupo: nove vitórias em nove desafios. Apreciada em conjunto, esta reserva impressiona, com def sa magníficas, um mérito igual aos de primeiras e uma linha avançada onde há, mesmo, valores individuais. De resto, o *team* foge ao tópo tão vulgar de *onze* que serve de vasadouro aos jogadores que chegaram ao fim para nos dar um conjunto vivo, ardente, que sabe o que faz em campo.

O *Benfica* também já se pode considerar campeão de 2.ª e 3.ª categorias. Mesmo que perca contra o *Belenenses*, em igualdade de pontuação, nessa hipótese, com o *Unidos*, ficará com o título pelo favor dos goals entre os empates. O *team* denota o nervo tradicional do *Benfica*. A isso deve a designação de campeão de 1943.

O Campeonato Nacional COMEÇA NO DIA 28

Os campeonatos regionais do popular desporto entrarão na fase final. Em quais todos eles não faltará mas do que uma jornada quando sair este número da *«Stadium»*. Conhecem-se a bem dizer, os vencedores da temporada em curso. É, pois, oportuno falar nas grandes provas nacionais. Alguns dos correspondentes preparativos estão concluídos.

(Conclue na pág. 15)

II DIVISÃO DA A. F. L.

Os encontros disputados no último domingo, correspondentes à décima ronda do campeonato da II Divisão da A. F. L., proporcionaram os seguintes resultados:

Estoril-Chelas.....	8-0
Casa Pia A. C.-Marvilense.....	0-1
F. Benfica-S. L. Olivais.....	1-0
Sacavenense-Operário.....	1-3

O grupo de S. Vicente foi o único que, jogando fora de casa, pôde ganhar — e obter desforra... Nos três outros desafios, os vencedores foram os mesmos de há seis semanas: o Casa Pia, por scores iguais; o Estoril, por mais folgada margem; e o Futebol Benfica, com resultado muito exaustivo.

No conjunto, e pelo que se podia esperar de cada uma das equipas, este programa era dos mais interessantes. E a expectativa não foi iludida, porquanto, excepção feita para a partida jogada no Estoril, os scores não traduzem grande desvaloramento de forças.

Está dito e redito que o interesse desta prova está na conquista do segundo lugar. Nesse aspecto, a jornada de domingo forneceu ampla confirmação. As alterações na tabela da classificação foram sensíveis. O Estoril soma a pontuação que os seus próprios resultados lhe proporcionam — e os que os outros vão perdendo... Antes do jogo de domingo tinha sete pontos de diferença do segundo; quando o dia acabou já tinha oito...

O Chelas passou de 2.º para 3.º, o Marvilense e o F. Benfica desforzaram o empate do terceiro lugar: o primeiro baixou isolado para o quarto posto e o segundo retomou a posição de sub-campeão; o Sacavenense passou de 5.º para 6.º e o Operário de 6.º para 5.º; o Casa Pia melhorou, mais por via da derrota do Olivais do que graças à vitória obtida.

O jogo do Estoril teve desfecho algo inesperado, não porque os locais gachassem, mas sim porque marcaram oito goals e os visitantes nem o obtiveram. Esperava-se mais dos chelenses, de modo que pode pensar-se que os do Estoril tenham dado tudo por tudo para desfazer a má impressão da partida anterior. O Chelas, ao fim de uma hora de jogo, desorganizou-se e facilitou a tarefa dos donos da casa.

A vitória do Casa Pia sobre o Marvilense talvez não fosse esperada por muita gente. Os caspianos, todavia, mereceram o resultado, quanto mais não seja pelo ardor com que o defenderam na segunda parte.

O Futebol Benfica teve nos olivealenses adversário muito difícil. O resultado pela tangente revela bem que a principal característica da luta foi o equilíbrio. Cada equipa teve períodos de domínio sobre a contrária. Há mais que louvar a acuidade dos vencidos do que dos vencedores.

O Operário foi superior ao Sacavenense. Na primeira parte a vantagem pertenceu aos visitantes. Depois os sacavenenses respiraram, mas o adversário, no derradeiro quarto de hora, impôs-se e decidiu, com um terceiro goal, a sorte da lha. — ZÉ DO PRATO.

NO PÓRTO

O encontro entre o Salgueiros e o Académico é um daqueles de escrita difícil. Já por si, o resultado acabou obtido pelo vencedor — 2-1 — diz bem das dificuldades encontradas pelo Salgueiros para ganhar. Mas se anotarmos que o resultado é lógico, não só porque um dos pontos foi decorado como porque o Académico não mereceu sair derrotado do rectângulo, talvez se encontre aqui a dificuldade...

Os acadêmicos, com dois extremos a estragar todo o jogo que lhe foi endossado — mormente o esquerdo, que teve nos pés, várias vezes, a sorte do seu grupo — com um interior a fazer o pior e um avançado centro temeroso, nada mais puderam fazer do que perder... Não por culpa da defesa, também sem grandes culpas para o sector medular, onde reapareceu Pacheco, a destruir bem — muito embora este sector estivesse mais estreito à defesa do que ao ataque — mas por grandes erros do seu ataque, que é de todo menos o que se devia esperar.

Por seu lado, o Salgueiros e teve em «stade fria». Salvo a rectaguarda e os intermediários, na linha da frente não se viu coisa de jeito. Acentue-se, entretanto, que o Salgueiros vai assumir tremenda responsabilidade no Nacional, e que urge preparar-se afinadamente para poder enfrentar os seus adversários. Assim, como jogaram no domingo, é que não pode ser. O grupo tem o dever, a obrigação imposta pela sua classificação, de melhorar de jogo para jogo. Ninguém conhecia o Salgueiros. Mais parecia um grupo secundário...

O F. C. Pórtico fez um «treino» contra o Leça. Este, que tem tornado as vitórias difíceis aos seus adversários no campeonato portuense, cedeu bastante em frente do ataque concentrado do Pórtico. A vitória era esperada, mas não com um resultado tão «falador»...

Os rapazes do Bessa voltaram a satisfazer os seus adeptos. Derrotaram o Leixões, e, com essa vitória, conseguiram passar para o 3.º lugar da classificação regional, embora momentaneamente... Luta formidável, em que os dois grupos se esforçaram o mais que puderam para a vitória, que veio a sorrir aos da casa.

Estas alterações da classificação já não terão influência nenhuma — mas, pelo menos, despertam a curiosidade dos «doctos», que não querem que os «seus» percam, mesmo que «cada tenham a ganhar». — MÁRIO AFONSO.

EM COIMBRA

CAPRICHOU o destino em malfadar o Sport, que, a despeito de muito brio, contudo não pôde — não deve poder, melhor dizendo... — fugir ao último lugar. E terá de enfrentar agora o Calhau ou o Nacional — para defesa do pósto que ocupa na I Divisão.

Os dois desafios que se disputaram em Santa Cruz não conseguiram interessar ninguém; nem mesmo o Sport-Naval, o qual apresentou a curiosidade de ver do que seriam capazes os coimbrenses: derrotados, estavam irremediavelmente em último lugar.

Assim sucedeu, com efeito, conforme os resultados: Naval-Sport..... 2-1 Académica-Lusitânia..... 7-1

Pode, por consequência, dizer-se afotamente que a penúltima da competição regional não interessou: a Académica tem o triunfo assegurado (e quem ousaria negar-lho?) e os restantes, aparte o Sport, continuam, por enquanto, na mesmíssima situação...

Classificações: Académica, 27 pontos; União, 23; Naval, 17; Lusitânia, 15; Anadia, 15; Sport, 10.

O torneio da II Divisão reduziu somente dois concorrentes — e é, portanto, facilitadíssimo. No primeiro jogo, o Calhau ganhou ao Nacional por 6 goals sem resposta! Que sucederá na reprise?! A menos que o vencedor de agora triunfe por margem superior, o Calhau pode considerar-se campeão: um título ganha sem grandes dificuldades... — M. DE CASTRO.

EM TERÚL

A penúltima jornada, garantida ao Barreirense e segundo lugar, ainda mesmo que venha a perder no próximo domingo com o campeão.

O vencedor ficou, assim, abmente a um ponto de diferença do Barreirense, o que obriga os setubalenses a acutelar-se na derradeira jornada. O Amora, porém, não deve causar-lhe apreensões, mas é necessário cuidado. O Amora, às vezes, joga bem.

Três resultados de que se verificaram e para não destoar a igualdade de scores, também o outro jogo (3-1) entre o Amora e o Arrentela, acusou uma margem de dois goals a favor do vencedor. Dir-se-ia que houve entre os clubes vitoriosos — Barreirense, Onze Unidos, Seixal e Amora, prévio acordo...

Os barreirenenses, bem como o Vitória, fizeram um primeiro tempo que pode considerar-se bom. Os setubalenses foram rápidos no quarto de hora inicial e pelo tempo adiante voluntariosos. Encontraram, todavia, nos locais uma vontade firme, esmaltada aqui e ali em por jogadas de mérito certo. Na segunda parte, qualquer dos grupos baixou o seu rendimento, salientando-se, contudo, a energia de que o Vitória se serviu para diminuir a desvantagem. Mas não tem de que se queira: pois os barreirenenses ganharam em absoluto merecimento.

Na sua visita ao Montijo, o campeão deixou fugir a possibilidade de ser segundo classificado. Os montijenses exerceram domínio na primeira parte e pelo que jogaram a sua vitória não deixou dúvidas. O Unidos só no último período do encontro mostrou alento.

O Seixal cometeu a prova de triunfar e bem, no Barreiro, contra o Lusitano, que actuou muito abaixo das suas possibilidades. Eufemismo e decidida vontade, foram os requisitos que os seixalenses revelaram possuir em maior dose.

E em Amora, os amorenenses desembarçaram-se não sem algumas dificuldades dos arrentelenses. Estes pareciam estar irremediavelmente derrotados a figurar na cauda da classificação. — JOÃO DIAS.

NO MINHO

TODA a vantagem para os vimaranenses, no campeonato de futebol da região. É o destino que caprichou em conceder-lhes, de jornadas para jornadas, as maiores facilidades. Título ganho, já, com inteira justiça e merecimento.

Enquanto os campeões vão aumentando a sua lista de vitórias e distinguindo-se mais e mais, os dois cot-sideiros perigosos (Sporting de Braga e Famacão) deixam-se surpreender e abrem-lhe, assim, caminho para o triunfo. Primeiro foram os bragançenses que perderam em Fafe; agora, o Famacão perdeu em Barcelos...

Lógicamente, o Vitória vai bem lançado; e, como tem tido a sorte por si, beneficia das últimas derrotas dos bragançenses e dos famacenses.

Na jornada verificaram-se os seguintes resultados:

Vitória Guimarães-Sp. Fafe.....	7-3
Sp. Braga Viseia.....	13-0
Gil Vicente-Famacão.....	2-1

Um «score» estrondoso: o dos bragançenses; e uma derrota inesperada, a dos famacenses em Barcelos. Os campeões ganharam em Bem-lhe-val, naturalissimamente.

Os clubes vão para a última ronda, com a marcação seguinte: Vitória de Guimarães, 25 pontos e 56-14; Sporting de Braga, 20 p. e 33-18; Famacão, 17 p. e 40-19; Gil Vicente, 16 p. e 12-25; Sporting de Fafe, 17 p. e 26-19; Viseia, 9 p. e 4-79.

NO ALGARVE

A PESAR de ter ido jogar a Loulé — o que seria talvez um obstáculo! — o Sporting Oihanense não encontrou contrariedades; ganhou por 5-0. Bem, como campeão de 6.º. Querê dizer: aumentando as possibilidades de voltar a ser o representante da região no torneio maior do futebol nacional.

Nos outros desafios: Sporting Farense-Glória de Portimão, 4-2; Lusitano de Vila Real-Lisboa e Faro, 2-0. Em resumo: triunfos normalíssimos dos «teams» com mais cotação.

O campeonato perdeu já toda a curiosidade (e té-la-la de novo se os oihanenses prevencerem em Loulé!) porque as classificações parecem definitivas. Talvez umas poucas rectificações — mas sem interesse directo na carreira para o título.

Vejam-se: o Oihanense, com 25 pontos, pode considerar-se novamente campeão; o Sporting Farense marcha em 2.º lugar, com 20 pontos e um jogo a menos que os de Oitão; o Louitano é 3.º, com 19 pontos; e, depois, Lusitano (17), Glória (15), Lisboa e Faro (8). O último tem, como o Farense, um jogo a menos.

... FLECHA ...



A melhor bicicleta

Salão de Exp. e Vendas:

L. do Intendente-LISBOA



Na 9.^a jornada:
UM EMPATE
lisoujeiro
PARA O BENFICA
e vitórias naturais
dos BELENENSES
e do
SPORTING



ATLETICO-BENFICA — Uma bela esti-
rada de Armando Jorge a um remate de
Manuel da Costa



ATLETICO-BENFICA — O primeiro «goals» dos alcantarenses



ATLETICO-BENFICA — Com a defesa
alcantarenses batida, A. Jorge inutiliza os in-
tentos de Julinho



BELENENSES-FOSFOROS — Uma arrojada defesa de Rogério
(foto Madeira)



ATLETICO-BENFICA — Esforço desperdiçado... Nem Armando Jorge,
nem Manuel da Costa conseguiram os seus objectivos



SPORTING-UNIDOS — Uma bela fase em que estão em evidência duas das mais salientes figuras do encontro: Albano e Eduardo Santos (foto Manique)

Um DIRECTOR, UM JOGADOR E UM SÓCIO DIZEM:

«O meu clube será o vencedor da 2.ª Divisão!»

TERMINADO o campeonato das séries da 2.ª divisão portuense, surgiu o torneio de apuramento do campeão, para cujo título se batem Vilanovense, Ramaldense e Candal. Há em todos o mesmo desejo: ser campeão e vencer o último classificado da 1.ª divisão, obtendo assim o direito de figurarem nela — posto que já todos ocuparam, mais ou menos tempo, há anos.

É interessante, pois, ouvir o que pensam, acerca das possibilidades dos seus clubes, os directores, os jogadores e a massa associativa.

Assim, resolvemos falar com um director do Vilanovense, um jogador do Ramaldense e um adepto do Candal, efectuando entrevistas-relâmpago, de poucas linhas.

O sr. Augusto Melo, dedicado presidente do Vilanovense, dos mais ardentes paladinos do simpático clube galense, que tanto honra o desporto com as suas modelares instalações — afirmou-nos com convicção:

— O Vilanovense alimenta as esperanças da época finda — confiada na dedicação do seu «coxa», que tem feito pelo clube sacrifícios ilimitados — embora reconhecendo que os adversários da «poule» final têm valor. São elementos com quem nós devemos contar, para que o campeonato se já disputado com luta enérgica e cheia de entusiasmo. No entanto, o Vilanovense espera poder inscrever no seu historial mais um campeonato, na época de 1943-44...

João Ferrão, o conhecido interior esquerdo do Ramaldense e dos jogadores mais correctos que têm passado pelos nossos campos de futebol, garante confiadamente:

— Todos temos uma grande fé nesta época! Nunca o Ramaldense enfrentou a «poule» final com tanto moral como agora. Sabemos que não serão uma «brincadeira» os jogos que se aproximam, porque os nossos contendores sabem jogar a bola, são tenazes e têm o mesmo desejo a animá-los... Mas a esperança não nos abandona — e iremos para a luta dispostos a vencer com dignidade!

De entre a massa anónima dos animadores do Candal, também escolhemos um seu associado — Edmundo Ferreira — para transmitir a «Stadium» as suas impressões. É, talvez, dos mais modestos adeptos do Candal, mas nas suas palavras revivem-se horas de triunfo. Eis o que nos disse:

— O Candal está disposto a ganhar, dando à luta todo o seu esforço. Não lhe faltará os incitamentos dos seus amigos, em aplauso fervoroso, sem agravo para com os seus antagonistas. Sabe-se que a luta será ple-

tórica de energia. Mas o Candal confia... Há dentro de todos — dirigentes, jogadores e associados — a vontade firme, enorme, de levar o Candal até ao seu antigo lugar. É, sobretudo, essa mesma vontade inquebrantável de todos. Temos fé, olhamos o futuro com confiança. O Candal há-de vencer, mas pelo seu próprio mérito, respeitando o vencedor, que é um camarada das mesmas lides — irmão no mesmo esforço pela causa de portiva.

Assim falaram os três nossos amigos. Agora... nós:

É difícil prognosticar um vencedor. Os grupos igualam-se muito no seu poder tático e técnico. Se um jogará mais à base da energia indomável, outro jogará com saber, outro com experiência... Todos têm as mesmas possibilidades...

M. A.

Acudam ao atletismo portuense!

O problema do atletismo portuense carece de solução imediata — urgentíssima, mesmo! É tempo de arrearpiar caminho e de darmos à salutar manifestação desportiva o lugar a que tem justíssimo direito.

A indiferença, o comodismo, o desleixo com que os dirigentes da A. P. A. sempre trataram os importantes problemas do nosso atletismo, têm de acabar de uma vez para sempre. E acaba, chamando às fileiras directivas os «novos», capazes, pela sua mocidade e pelo seu entusiasmo, de modificarem por completo o ambiente «apardo» em que tem vivido a modalidade!

Gente nova — e processos de actividade muito novos...

Mas todo esse profundo trabalho de renovação — renovação completa, que se impõe — deve começar desde já, pois só com tempo, estudo e trabalho será possível alcançar os objectivos definidos de que o atletismo carece cada vez mais.

Apelamos, pois, para todos os desportistas em geral e para os amigos do atletismo em especial — para todos, a quem pedimos um pequenino auxílio pró atletismo, que na nossa terra tão mal tratado tem sido...

Desportistas portuenses: é preciso que o atletismo desta região caminhe a passos largos para a conquista de decidido ambiente de progresso e popularidade! É preciso que o atletismo portuense reviva os seus tempos gloriosos, já que a má orientação dos últimos anos os atrou para o campo das recordações do passado!

*

Idealizámos um plano de trabalho — e aqui o vamos expor, nas suas linhas gerais, dentro do espaço de que dispomos:

- 1.º — Promover uma reunião de todos os clubes desportivos do Norte, praticantes do atletismo, para solucionar em definitivo a situação da A. P. A.
- 2.º — Preceder essa reunião de uma conferência pública em que um ou mais técnicos falem das vantagens e condições altamente salutaras do atletismo.
- 3.º — Pedir para estas duas iniciativas o patrocínio do sr. delegado da Direcção Geral dos Desportos.
- 4.º — Difundir pela rádio, pela imprensa e por folhetos — com continuidade e insistência — os mais elementares conceitos técnicos da modalidade.
- 5.º — Levantar as E-Colas, os Liceus e a Universidade a permitirem a prática do atletismo, a entusiasmarem nela os seus alunos e a organizarem provas especiais, patrocinadas pela A. P. A.
- 6.º — Organizar na pista do Lima provas de

NO desporto, como aliás em todas as manifestações da vida de uma comunidade, as agravações valem pelo que nelas representam quanto se dirige, pela acção pessoal e mais aproximada de cada um, seguindo objectivos determinados, tão próximos ou tão remotamente alcançados quanto o grau de dignidade, entusiasmo e persistência que nela depositarmos que se dediquem ao progresso das coisas ou das ideias.

No desporto, como em todos os ramos de actividade nacional, é certo que as profissões são difíceis de obter-se e que, portanto, quando os factos estão a indicar que a rota determinada é das melhores sob todos os aspectos (moral, material e de progredência), tudo indica que se deve acceitar a que vem por bem, facilitando-lhes a sua missão, dando-lhes possibilidades de sucesso, garantindo-lhes melhor estudo e atenção para as suas doutrinas ou realizações.

Não sucede assim, por vezes. Daí o esfacelamento de muitas organizações, o estagnamento de outras, o marasmo, em suma, a subverter tanta coisa bela, tanta coisa útil, não caminhar acausado para o abismo — derruir de tanto sonho de betão.

O desporto precisa do amparo desvelado de todos os seus adeptos, require administração sã, conscienciosa, ílogica, de largo campo visual, concebendo projectos, mas acalentando aquelas que as lides depararam e são dignas de caloroso apiação.

Tantas iniciativas saem da actividade particular que já se não adverte hoje a intererência do extra-oficial como interferência perniciosas, antes as acionam, as auxiliam e se dirigem no sentido do interesse comum, por forma a obter na iniciativa de todos o melhor e mais proveitoso sucesso do orden geral.

Em nos desportos muitas noções erradas, como se lhes não fosse, nem mais nem menos, das melhores e mais sábias manifestações de utilidade de um povo. E há nos desportos crises asseverbantes, e é perigo tal, que o seu afastamento pode ter prejuízo pernicioso sob os mais diversos aspectos.

Se é certo que, em determinadas modalidades, as crises ou passagens podem encontrar-lhes para um «código» de passagens que só pode trazer benefícios largos, noutros, a má disposição mata, instigando nefasta ou orientação deficiente parecem estar apostadas em prejudicar o que de belo e de profusamente fecundo outras estão fazendo, embora em escala menor.

As modalidades desportivas no nosso país que nada são ainda, talvez por que esperam pelos desportos, por aqueles que são os sacrificados de todos os lados, e que por todos os lados estendem a sua acção benéfica e alucinante.

Há desportos que são hoje, entre nós, alguma coisa de definido. Em outros, as dedicações sinceras, entusiasmos anónimos, propositos de alma bem formada com moral alta, com passado de convicções firmes, garantido por grandes e profusos trabalhos de organização desportiva, sanatórios de energias, de equilíbrios mentais sob os de ordens de uma das mais belas das coisas.

Por isso singram e prosseguem na sua carreira sem passos em falso, sem precipitações.

Como apreciar a acção ou o gesto daqueles que, estando momentaneamente — e por merecimento — em situação de destaque em uma ou outra modalidade, se aproximam dessa posição instável para denegar ou ofuscar a acção daquelles que trabalham com ardor?

Como acreditar na sua verdade, quando tudo indica que os interesses individuais são colocados acima dos interesses gerais e colectivos?

atletismo, antes, no intervalo e depois dos jogos de futebol que naquele campo se efectua em.

7.º — Promover torneios inter-sócios em todos os clubes do Norte — ainda que esta iniciativa tivesse de ser tomada pela própria A. P. A.

São estes os sete pontos principais do plano que desejáramos executar para a expansão do atletismo portuense. Eles aqui ficam, para governar dos interesses dos...

Desportistas portuenses: vamos trabalhar pelo atletismo!

EDUARDO SOARES

Notas... sem valor

UM «mar» de gente no Campo da Constituição! O Pôrto-Salgueiros tinha para «mutos» importância extraordinária, em relação ao valor da equipa «encarnada». Com os 3-1, da primeira volta, no seu campo, o Salgueiros deixou a «boca muito quente» aos simpatizantes da turma...

— Criou-se à volta do jogo «atmosfera» pesada, natu da rivalidade entre os dois clubes da Associação de Futebol do Pôrto. Incutiu-se no espírito dos desportistas — nos mais «fanáticos» pelo desporto — o elemento de «combate» à equipa do Futebol Clube do Pôrto. Germão e no cérebro (?) dos crentes a impressão de uma derrocada, pela pouca confiança dos representantes da primeira «embaxada» futebolística do Norte.

— A luta das duas equipas, em jogo da maior «responsabilidade», traduziu-se numa competição correcta, fugindo dos «molde» antigos, sintoma evidente de modo clara das «coisas do desporto». O Salgueiros, com re-

(Conclui na pág. 14)

O TREINO, DURANTE O INVERNO, DOS NADADORES DA MAIORIA DOS CLUBES

A época de natação ao ar livre acabou, pode dizer-se, há meia dúzia de dias.

A pesar disso, mercê de circunstâncias especiais, pode desde já antever-se para animação e desusado brilhantismo para a época futura, ou seja para a temporada de 1944, que terá o seu início já para o primeiro domingo de Maio. A animação e desusado brilhantismo que vaticinamos terão por base o descongestionamento de valores operado com a saída dos melhores elementos do Algés para o Estoril, como todos sabem. E se considerarmos também os nomes de Baptista Pereira, J. Freire de Carvalho e Rosa Lopes — para só falar nos mais importantes — ficamos assim com quatro clubes na brecha, na luta para os primeiros lugares e com vista a novos «records».

Desde que tudo corra bem e com a disciplina, desta situação só poderá resultar benefício para a modalidade.

Uma coisa, no entanto, se torna imperiosamente necessária para que o nível técnico dos nadadores progreda — a regular preparação durante o inverno.

Entre nós apenas dois clubes a podem fazer: o Algés e o Estoril Praia.

Portanto, os nadadores dos outros clubes perdem durante o inverno o trabalho feito na época estival.

Um exemplo: no Nacional de Natação há um punhado de rapazes e raparigas cheios de qualidade, cheios de boa vontade, de gosto e de desejo de progredir. Não é necessário citar nomes. Quem acompanha, de perto, a modalidade, conhece-os bem. Todavia, impossibilitados como estão de treinar no inverno, todo o seu labor, toda a preparação feita durante o verão irá perder-se.

Citamos um caso. Agora, concluído do particular para o geral, teremos em mãos as outras colectividades, onde há secções de natação, o mesmo panorama.

Perguntamos: não seria possível que as outras agremiações chegassem a um acordo com os clubes que possuem piscinas de inverno, para que nelas pudessem treinar os seus elementos? Tal entendimento não se nos afigura difícil. Seria desportivo.

E daí só poderíamos — pensamos — resultar benefícios para a modalidade, em última análise a única coisa que nos interessa sobremaneira...

ABREU TÓRRES

Balanço geral da época

III — CORREDORES DE MEIO-FUNDO

por SALAZAR CARREIRA

ESTA categoria dos corredores de meio-fundo é com certeza a mais pobre do atletismo português e foi na última época a menos concorrida e a que mostrou maior necessidade de renovação.

A quasi totalidade dos participantes nas nossas provas de meio-fundo é desviada das distâncias superiores e falta-lhe a velocidade necessária aos resultados verdadeiramente interessantes na categoria.

Os únicos dois homens de classe de que dispõe agora o atletismo nacional são Francisco Bastos e Pires de Almeida, já com a reserva acima indicada aplicável ao segundo, que consid'ramos, de facto, um espec'lista de fundo curto. Infelizmente, ambos perderam a época, em consequência de deveres militares — e não houve quem os substituísse sem desvalorização.

O campeonato de Lisboa foi ganho por Armindo Pereira, corredor de modestos recursos, que as circunstâncias guiaram ao primeiro plano; pertence àquela classe dos homens de fundo desviados para aproveitamento de oportunidade, mas não pode ser considerado revelação, nem tão pouco oferece fundamento para grandes esperanças.

O corredor que em 1942 conquistara o direito de merecer maior confiança, Jorge Azevedo, teve este ano a sua figuração apagada, mas o excessivamente preparado, em qualquer caso muito aquém das suas marcas precedentes.

Se não pretendermos averiguar causas — que outros, em situação inversa, aproveitariam para dirigirem a si próprios os elogios que ninguém mais lhes dispensa — limitamo-nos a registar o facto, que se reperiu com outro novo que demonstrara boas aptidões: Herlander Paixão.

O campeão nacional é um júnior da temporada, o portuense Coutinho Monteiro, que teve actuação brilhante, pois encerra a época com três títulos e um «record». Este, sim, parece-nos autêntico especialista de meio-fundo; correu, nos júniores, as provas de 3.000 metros, mas com resultados muito inferiores. Tem boa estatura, ritmo na passada ampla, comb'itividade e apreciável sentido tático; prova-o a maneira com conduziu e venceu o quilómetro, nos Nacionais de Júniores, na pista do Lima. Convenientemente preparado e aguerido pela experiência que só se adquire com o tempo de

prática, pode ir longe. Foi quem mostrou mais seguras possibilidades de seguir no rasto glorioso de Bastos e Pires de Almeida.

Ao contrário do que sucede nos torneios de sêniores, as provas de meio-fundo figuram nas categorias precedentes entre as mais concorridas e apresentam sempre um lote interessante de classificados, os quais depois transitam em percentagem preponderante para a distância inferior e quando persistem, não se confirmam.

O problema é, novamente, uma dependência do método de treino, encaminhado com demasiada insistência para o aumento da resistência, sem o indispensável cuidado pelo «finamento da velocidade». O andamento (o «train» dos franceses, o «tempo» dos alemães) é qualidade indispensável de possuir e consiste na capacidade de manter sem esforço ou contractura muscular uma cadência de passada certa e rápida, sem prejuízo da conservação de recursos para a longa aceleração da embolgagem final.

Não é pedir muito, a um especialista do quilómetro e meio, os últimos quatrocentos metros em um minuto, com três minutos gastos nos mil e cem metros precedentes.

No grupo dos principiantes do ano, susceptíveis de abrir caminho na categoria, figuram Adriano Gomes, Costa Pereira (talvez o melhor dotado), Cândido Garnacho, Joaquim Campos e Francisco Parreira. Este último só depois de cuidada preparação física. O portuense Bernardo Silva também conseguiu resultados animadores, mas foi precipitadamente elevado a sênior — e isso veio criar embaraços ao seu progresso normal.

Para termos completos na nossa apreciação das revelações da época, teremos de citar também três rapazes cuja estreia oficial ainda se não verificou e foram destacados do amonhado pelas provas de apuramento do Sporting: José Vicente, Humberto Bastos e Santos Franco.

São campeões em 1943:

Estreantes, 700 metros: Coimbra, Herculano Campos (A. A.), 1 m. 59,4 s.; Lisboa, Costa Pereira (S. L. B.), 1 m. 54 s.; Pôrto, Bernardo Silva, 1 m. 51,8 s.

Principiantes, 1.000 metros: Lisboa, Adriano Gomes (S. L. B.), 2 m. 50,3 s.

Júniores, 1.000 metros: Coimbra, José de Almeida (Vitória), 2 m. 59,3 s.; Pôrto, Coutinho Monteiro (A. F. C.), 2 m. 49,2 s.; Lisboa, Adriano Gomes (S. L. B.), 2 m. 46,7 s.; Nacional, Coutinho Monteiro (A. F. C.), 2 m. 43,5 s.

Universitário, Lisboa, 1.500 metros: Rebelo Gomes (I. S. T.), 4 m. 39,9 s.

Corporativo (F. N. A. T.), 1.000 metros: Lisboa e Nacional, Joaquim Campos (Viação), 2 m. 53,2 s. e 2 m. 55 s.

Sêniores, 1.500 metros: Pôrto e Nacional, Coutinho Monteiro (A. F. C.), 4 m. 26 s. e 4 m. 29,3 s.; Lisboa, Armindo Pereira (S. L. B.), 4 m. 26 s.

Tabela dos melhores resultados portugueses nas distâncias deste grupo:

1.000 metros: Francisco Bastos (Sporting), 2 m. 38 s.; 12 X-41; João Ferraria (Académico), 2 m. 40,6 s.; 3 X-37; António Calado (Sporting), 2 m. 41 s.; 6-VII-41; Manuel Nogueira (Bel.), 2 m. 41,1 s.; Jorge Azevedo (Sp.), 2 m. 41,5 s.; Aníbal Rodrigues (Sp.), 2 m. 41,7 s.; Pires de Almeida (Bf.), 2 m. 43,5 s.; Coutinho Monteiro (Ac.), mesmo tempo; Herlander Paixão (Sp.), 2 m. 44,2 s.; Diamantino França (Un. Coimbra), 2 m. 44,4 s.

1.500 metros: Francisco Bastos (Alm.), 4 m. 11 s.; 2 VII-39; Manuel Nogueira (Bel.), 4 m. 12,4 s.; 18-VII-37; Pires de Almeida (Bf.), 4 m. 13,6 s.; 23-VII-42; Matos Henriques (Bel.) 4 m. 14 s.; António Almeida (V. S.), 4 m. 16,6 s.; Manuel Dias (Bf.) 4 m. 17,2 s.; Jorge Azevedo (Sp.) 4 m. 18,7 s.; Angelino Pinho (Bel.), 4 m. 19,4 s.; Aníbal Rodrigues (Sp.) 4 m. 19,8 s.; António Ferreira (Sp.), mesmo tempo.

Quando a STADIUM pergunta...

OUTONO. A abertura da época de «rugby» está próxima. Nos clubes, entra em actividade a respectiva secção. Abrem as Universidades. Saem para o campo os «teams». Há velhos e... há novos (todos os anos há novos) — há esperanças. Aparecem os treinadores. São «pitos». Há boa vontade. Entra-se em período de treinos — período de trabalho. Começam os instrutores a aconselhar, a recomendar, uma, outra, e outra vez. Faz-se ginástica — ginástica aplicada. Esboça-se a formação das equipas. Formulam-se projectos — muitos projectos. O «rugby» está na ordem do dia.

Desejosos de saber o que vai pelos clubes, o que se faz, o que se pensa, procurámos um dirigente. Para começar, falámos com Machado da Costa, chefe da secção de «rugby» do Belenenses.

— Começa a época do «rugby»; que fazem os do Belém?

— Treinam. Temos elementos novos.

— Recrutados onde?

— Em nenhuma parte... Novos, na modalidade. Alguns, dão-nos muitas esperanças — rapazes com habilidade.

— Quem os treina?

— Os mesmos do ano passado: Boisson e José Rosa. Para a ginástica temos uma pes-

MACHADO DA COSTA

[falado do «rugby» no Belenenses]

são sabedôra e com muita paciência para tirar deles o máximo.

— Há alguma novidade?

— Há — e creio que importante. Vamos fazer um torneio, para o qual pômos à disputa uma taça. Tem uma particularidade interessantíssima: é jogado com «teams» de 13 elementos, em vez de 15. É o «rugby» de 13. Na verdade, de princípio vai ser talvez um pouco aborrecido, até se adaptarem às novas regras, que dêde o ano passado se encontram traduzidas. Como é de ver, os jogos tornam-se mais interessantes. Menos elementos em jogo, mais visão nos lances, mais técnica. Entretanto, os treinos continuam e as esperanças aumentam...

Veremos o que o «rugby» consegue este ano no nosso país. Com a boa vontade da parte dos dirigentes — progredirá, estamos certos.

Para a corrente época, temos os campeonatos, alguns torneios mais, isto sem contar jogos «olto», que sempre se realizam. Como se vê, o panorama é animador.

Se a preparação das equipas for cuidada, se se procurar fazer desporto, de certo que o gosto pelo «rugby» aumentará.

E criar-se-á uma auréola de simpatia que poderá fazer deste desporto um dos preferidos da nossa mocidade!

**Alguns instantâneos
da 9.ª jornada
colhidos no
Lumiar e nas Salésias**



SPORTING-UNIDOS — A defesa dos «leões» em acção.
M. Marques alivia de cabeça (Foto Manique)



BELENENSES FOSFOROS — Uma fotografia que mostra o arrojado Rogério... (Foto Madeira)



SPORTING-UNIDOS — Eduardo Santos acaba de arrebatar a bola dos pés de Peyroteo (Foto Manique)



2.ª DIVISÃO — Uma fase do jogo Casa Pia-Marvilense (Foto Ramos)



BELENENSES FOSFOROS — Um dos muitos «goals» marcados nas Salésias (Foto Madeira)



ATLETISMO NO SPORTING — A chegada dos 80 metros

António Henriques, da S. Alunos de Apolo, vencedor da última prova da época de ciclismo



ATLETISMO NO C. I. F. — Grupo dos concorrentes às provas disputadas na Estréla



CICLISMO — Os velocipedistas que disputaram os 50 kms. da S. Alunos do Apolo, nos quais o Benfica venceu por equipas

No II encontro Pôrto-Lisboa

a selecção da capital ganhou por 7-5

COMO é já de domínio público, efectuou-se na Póvoa de Varzim, sob os auspícios do seu clube e da Federação Portuguesa de Xadrez, um encontro entre as equipas representativas das cidades de Lisboa e Pôrto.

A equipa da capital, constituída por Carlos Pires, Peter Braumann, Gabriel Russell, Silva Ramos, A. Maria Pires e Rui Nascimento, saiu vencedora, batendo por 7-5 a equipa do Pôrto, que era formada por Alexandre Gonçalves, dr. Evaristo de Oliveira, João Mário Ribeiro, Leonel Pias, Manuel Costa e Aristides da Cunha. A par do «match», disputou-se também o interessante torneio triangular «S. L. Benfica-Grupo de Xadrez do G. X. P. da Póvoa de Varzim». A equipa do Benfica, campeã de Lisboa, classificou-se em 1.º lugar, com 6 pontos ganhando a taça instituída por aquele clube. A do Pôrto, 2.ª classificada, ganhou a taça «Artur Aires», oferecida pelo director do Monumental Casino. Jogaram neste torneio, pelo Benfica, dr. António Maria Pires (2 vitórias), Rui Nascimento (2), Araújo Pereira (1) e Lucílio Ventura (1); pelo Pôrto, Neves Pereira (1) e Armando Aragão (1/2); e pela Póvoa, João de Oliveira (1), Óscar Baptista (0), Óscar Monteiro (1) e Raúl Negro (1/2).

No encontro principal — o «match» inter-cidades — assistimos a uma bela luta entre uma dúzia de distintos xadrezistas, alguns deles há muito consagrados na crítica. Infelizmente, não puderam jogar, por doença, três dos melhores jogadores portugueses, Américo Martins, Genesio Dezo e Augusto Faria, e o campeão de Lisboa, Francisco Lupi.

Stadium Capital do Hótel

(Conclusão da pág. 10)

sultado desfavorável no primeiro tempo — 0-3 — saiu da pagna com o mesmo írio desportivo e soube encerrar o revez com resignação.

— O Futebol Clube do Pôrto bateu o Selgueiros, com largo «margem» de tentos, porque encontrou um ataque a penetrar a defesa dos «encarnados». Residiu nisto o maior «segredo» da vitória, em contraste com o seu adversário, que não teve talento no sector da frente.

— No meio de tudo isto, a «bilheteira» falou como gente — ultrapassou a «caixa» do 41 contos! O campo da Constituição, insuficiente para competições desportivas desta categoria, é ainda «caixa» de resistência para muitos clubes...

— O Leixões andou com muita «chance» no Estádio do Lima — perdeu o jóg. apenas por uma bola... Arredou o «pensamento» de ir ao segundo lugar — ficou «morto» com a vitória do Académico...

— Repetiu-se o resultado da primeira volta, no Bessa, com os 2-1 do B. avista. O grupo do Bessa, de moral bastante abalada, viu-se em dificuldades para bater o Leça, indicado para o último lugar da classificação geral da I Divisão.

— O relatório da Associação de Basketball do Pôrto, já apreciado em assembleia geral, é um bom «produto» do esforço do presidente da direcção. Nas suas linhas gerais, tinha uma pontinha de... «venenos», injectado por certo dirigente da modalidade...

— A irradiação de Alexandre Madureira do «basket-ball» português, por proposta da direcção, não surtiu efeito. O jogador do Vasco da Gama ficou «livre». A proposta do seu «defensor» foi aprovada por unanimidade...

— Um «contra-tempo» no «hand-ball» português: Alberto Ferraz Carneiro, representante do Vilanovense F. C. nos corpos directivos, não tem «muita» vontade de ser eleito. Justificação da «recusa» — a evidência do Vilanovense e o seu cargo profissional, que o impedem do colaborar no «hand-ball».

É impossível descrever como decorreram as sessões. Contentamo-nos em comentar os resultados obtidos, individualmente.

Jogaram no 1.º tabuleiro Carlos de Araújo Pires e Alexandre Gonçalves. O resultado de 1 ponto e meio, a favor do campeão nacional, justifica-se plenamente. Gonçalves é um «novo» que, torneio a torneio, vai adquirindo com firmeza destacada a personalidade no xadrez português. Em vista das magníficas qualidades demonstradas, somos levados a crer que muitos triunfos lhe estão ainda reservados.

No 2.º tabuleiro, Peter Braumann encontrou um digno adversário — Evaristo de Oliveira, campeão do G. X. P., opôs enérgica resistência; mas a classe do Mestre lisboeta falou... e Lisboa registou mais duas vitórias!

João M. Ribeiro, o jovem campeão do Pôrto, derrotou o mestre Gabriel Russell... e venceu — uma vitória e um empate! Em ambas as partidas que sustentou, Ribeiro demonstrou possuir «estílo» para participar no próximo Torneio de Mestres; pena foi, não obstante, que lhe tivessem oposto um adversário de estílo tão fácil de «manobrar», como é o de Gabriel Russell. Prova-se em todo o caso que o título máximo da capital do Norte está entregue em boas mãos.

No 4.º tabuleiro, Silva Ramos obteve esplêndido resultado para as suas possibilidades actuais. Uma vitória para cada lado é perfeitamente aceitável, pois se Pias é o melhor técnico português da actualidade, Silva Ramos é um «veterano» de larga experiência. Dr. A. M. Pires e Rui Nascimento apenas jogaram, neste encontro, a 1.ª sessão, tendo ganho as respectivas partidas. Substituíram nos Araújo Pereira e Lucílio Ventura — resolução infeliz, pois aqueles xadrezistas, se bem que tivessem obtido boas posições, não conseguiram evitar a derrota. Manuel Costa e Aristides Cunha, seus vencedores, melhoraram assim consideravelmente a pontuação do Pôrto nos dois torneios, destruindo todas as esperanças dos xadrezistas poeivos, visto aqueles resultados contarem igualmente para o torneio triangular.

Pouco antes de partir para o Norte, Rui Nascimento, o incansável colaborador do dr. António Maria Pires, presidente da F. P. X., e de Artur Aires, director do Casino da Póvoa — a quem devemos esta bela jornada — confiou-nos as seguintes palavras:

— As nossas responsabilidades são grandes. No I Pôrto-Lisboa, efectuado em 1933, a equipa da capital ganhou bem. Hoje temos de provar que a classe do actual xadrez lisboeta não é inferior à desse tempo. Os portugueses fizeram, porém, nitidos progressos — e um dos factores que lhes dá confiança é a sua recente vitória no Campeonato Nacional por correspondência. Espero que a equipa de Lisboa, agora completamente remodelada, consiga reabilitar-se do revés sofrido nessa prova.

Quando regressou, as palavras do campeão eram de franco aplauso:

— Um bom conjunto, incontestavelmente. A classe dos jogadores do Pôrto não é inferior à dos lisboetas. Alexandre Gonçalves, João Ribeiro e Leonel Pias constituem um trio que se destacaria em qualquer torneio da capital. Muita te ria, jóg. claro — mas um tanto de inexperiência nos «finais», eis o que a equipa portuguesa pareceu evidenciar. Deve centuar-se que as minhas considerações se baseiam nas observações que pude fazer durante os curtos momentos de folga consentida pelas minhas partidas. Por isso, podem não corresponder à realidade...

«A equipa da Póvoa era mais forte do que eu esperava! Creio que merecia melhor classificação».

«O ambiente satisfaz. Interêsse visível do público e muito entusiasmo dos jogadores. Reino sempre o mais puro desportivismo e a mais franca cordialidade. Todos contribuíram, em suma, para que ficasse desta jornada recordação inesquecível».

NAS colunas do «Diário Popular» e pela pena autorizada de Rufino Sena — um crítico competente e imparcial — lançou-se uma campanha da maior oportunidade.

O problema do pugilismo em Portugal, com vista ao futuro, é posto nela com a maior acuidade com objectivos firmes.

Rufino Sena desenvolveu já, em dois artigos, a sua idéa, perguntando muito sinceramente: quem acode ao pugilismo? E o tema desenvolve-se e ganha forma, nas suas linhas perais, em sucessão de idéias interessantíssimas.

Sabemos que o problema não é de tão fácil solução como se imagina, atendendo ao estado a que as coisas do «boxing» chegaram. Não basta, evidentemente, organizar sessões contínuas — é preciso muito mais.

Torna-se indispensável criar «boxeurs», saídos de uma camada nova. O amadorismo desempenha papel primordial, mesmo naquêles desportos que mais tarde podem converter-se em profissão. Esta é a grande verdade a ter em conta, da qual nem todos querem aperceber-se...

Assim, a campanha do «Diário Popular», principalmente por tratar-se de um jornal que conquistou já grande expansão, vem na altura própria e muito a propósito. Importa, porém, saber o que a tal respeito pensam os organismos dirigentes. Algumas entidades pronunciaram-se já — como Domingos Pinto, que constituiu um exemplo. Mas aqueles a quem compete cuidar dos interesses do «boxing» — interesses desportivos — bem entendido — ainda não disseram sequer uma palavra.

Estamos inteiramente de acordo com Rufino Sena e o «Diário Popular», até mesmo por comunhão de idéias, posto que a nossa revista já tratou do assunto — tal ponto que a questão posta por nós provocou, até, uma reacção esporádica, que de resto reduzimos com facilidade a justos propósitos...

E estamos inteiramente de acordo porque cumpre nomeadamente à Imprensa o papel principal na emergência. O mal generalizou-se — e vem de cima, motivo pelo qual se verifica existir a necessidade de batá-las urgentemente, com o fim de remediar um caso que está a agravar-se de dia para dia.

O «boxing» precisa de alicientes novos, de gente de sangue jovem, capaz — e competente. Só assim poderá vingar a idéia que preside à modalidade.

Faça-se propaganda com intensidade e persistência. O «Diário Popular» lançou o seu grito de reunir, que nós secundamos com prazer. Ao trabalho, pois, com vontade, para que todos compreendam que não se deve cuidar só da parte material — mas também da espiritual, digamos assim. E esta só pode vingar desde que tenhamos bons amadores, que serão os campeões de amanhã, na renovação constante que a vida impõe em todas as actividades humanas.

BILHAR

Começou ante-ontem a disputa do Torneio de Lisboa, de qualificação, na modalidade «por tabela»

DESDE ante-ontem, o bilhar entrou em novo período de competição, com a disputa de um torneio para qualificação de jogadores na modalidade «por tabela». A prova, organizada pela Associação Portuguesa dos Amadores de Bilhar, visa fundamentalmente ao conhecimento das possibilidades de cada concorrente através das médias que obtiver, com o fim de determinar a sua categoria. A determinação desta interessa à inscrição na prova que se seguirá: o Campeonato de Lisboa, na mesma modalidade, em três categorias: 1.ª, 2.ª e 3.ª. As partidas são disputadas nas salas do «Bilhar do Rossio», «Brasileira» e «Portuguesa», às 100 caramolas, «a bilhar de «match» (bilhar grande). Os concorrentes jogam apenas nas salas em que se inscreveram, constituindo assim três lotes distintos, os do «Bilhar do Rossio» e da «Brasileira» ainda divididos em dois grupos, a fim de não exagerar o número de partidas a disputar. Os jogadores actuam todos uns contra os outros, mas «dentro» de cada grupo. O número de partidas que cabe assim a cada um dos bilharistas é já suficiente para acuar o seu valor real. Com o objectivo de animar a prova, desportivo de algum modo o espírito de competição, os realizadores das melhores médias de cada grupo disputarão entre si um curto torneio, com medalhas oferecidas pela A. P. A. B. ao jogador que, entre todos que entraram na

Acontecimentos da semana

ATLETISMO — O Internacional promoveu o primeiro torneio da época, entre sócios e simpatizantes, do qual saíram vencedores: José Peralta, nos 80 metros, em 9 s. 4/10; Carlos Viana, nos 60 metros, em 7 s. 2/10; Matos Chaves, no lançamento do peso, com 12 metros; Francisco Correia, no salto em comprimento, com 6 m. 9/10; e Manoel Salta, em altura, com 1 m. 60.

— O Sporting também fez disputar três provas, entre seleccionados nos torneos de simpatizantes e sócios, do que saíram vencedores: Artur Dias (1.ª série) e Luis Rocha (2.ª série), nos 80 metros, ambos em 10 s., e José Vicente, nos 800 metros, em 2 m. 13 s.

«**BASKET-BALL**» — Nas eliminatórias da taça Jorge Leitão Marques, organização comemorativa do 25.º aniversário do Caridade, Algas venceu Benfica (25-25 com 15-15 a 1.ª parte) e Carajós derrotou Sporting (19-15 com 17-16 ao intervalo). Foram estes os primeiros desafios da nova temporada.

— No Porto, o Académico enfrentou o Vasco da Gama, ganhando o último por 6-2.

CICLISMO — Disputou-se a última prova da temporada: uma corrida de 35 quilómetros, para principiantes, entre Benfica-Ramalhão (Sintra) e volta, promovida pelo G. D. da S. F. Alunos de Apolo. Os cinco primeiros classificados foram: 1.º António Henriques, Apolo, 1 h. 9 m. 1.º; 2.º Martins Coelho, Benfica, 1 h. 9 m. 2.º; 3.º José Ramos, Benfica, m. t.; 4.º Miguel Gaspar, Combatentes, 1 h. 9 m. 5.º; 5.º Filipe Jesus, Benfica, 1 h. 13 m. 24 s.

— Efectuou-se a primeira reunião conjunta da comissão encarregada de elaborar os estatutos e regulamento de provas da nova Federação Portuguesa de Ciclismo, que sucede à União Velocipedica Portuguesa.

— No Circuito de Miramar, saíram vencedores: Fernando Moreira, em independentes, com 25 pontos; Onofre Tavares, em amadores, com 15 pontos; e o F. C. do Porto, por equipas.

FUTEBOL — O Casa Pia A. C. promoveu uma homenagem à sua sócia auxiliar D. Carmen Rodrigues, grande amiga da Académica Portuguesa, acompanhante dos steams de futebol, descerando-lhe o retrato na sede.

— Últimos resultados de alguns campeonatos regionais: Aveiro: Sp. Espinho-Beira Mar, 4-2; Oliveirense-Ovarense, 5-1; União de Lamas-Sanjoanense, 3-1; Beja: União-Atletico de Moura, 4-1. Santarém: Rossio de Alentejo-Ferrovários do Entroncamento, 1-1; Alcaçoves-Sp. Tomar, 2-2; Matruense-União de Tomar, 1-0; Leões-Académica, 3-2. Vila Real: Spert-Operários, 10-2.

— O Sporting Olanense adquiriu os terrenos do Estádio Padilha, onde se propõe fazer importantes melhoramentos.

— «**GOLF**» — Artur Mariani Júnior ganhou o campeonato de Miramar.

HIPISMO — Entre oficiais e sargentos do R. C. 5.º de Aveiro, disputou-se uma prova de curta-matada, do que saíram vencedores, respectivamente, o alferes Sousa e Costa e o sargento Chaves Pereira.

«**HOCKEY**» EM CAMPO — Nos primeiros jogos da nova época, disputados no Porto, verificaram-se os seguintes resultados: Académico-Vilagranense, 4-1; L'Air Liquide-Estrêla e Vigorosa, 3-1; Beavista-Ramalhãoense (campeão de 1929-30), 1-1.

— O Hockey Clube de Portugal tem novo campo de jogos, em Palma.

«**HOCKEY**» EM PATINS — A Taça de Honra—1933, último torneio da época em curso, no Porto, foi conquistada pelo Académico, que na final derrotou a Académica de Espinho por 7-1.

TIRO — Nas carreiras da Lisboa, Porto, Braga e Leiria (Maceira-Lia) começou a disputar-se um torneio entre os melhores atiradores portugueses, dotado com a taça «dr. António Martins», homenagem da F. N. T. ao saudoso campeão. O melhor resultado conquistou-o Alfredo Alves, da S. T. n.º 13 (Gimnásio C. P.), que totalizou 165 pontos.

— Na prova «Ondino», do C. A. Campo de Ourique, Álvaro Leitão (Avenida Commercial) e Pinto Marques (S. T. n.º 5, Figueira da Foz) obtiveram a maior pontuação: 140.

— A secção de posições do Banco Espírito Santo e Commercial de Lisboa (Alberto Claro e Afonso Fariaque, 93 p.); Carlos Silva, 92; e Pereira de Jesus, 90) ganhou a taça «A Ventura», com o total de 368 pontos.

«**STADIUM**» custa quinze tostões e vende-se em toda a parte.

ALVARO SANTOS

Encontra-se de luto, devido ao passamento de sua esposa, D. Maria da Glória Ribeiro dos Santos, este conhecido desportista combricense e conceituado árbitro de futebol, a quem «Stadium» apresenta a expressão do seu pesar pelo infante acontecimento.

AOS NOSSOS ASSINANTES

Previnimos os srs. assinantes de que vamos mandar para a cobrança os recibos de assinaturas, pedindo-lhes que, a fim de evitar contrariedades de serviço, providenciem no sentido de não demorar o pagamento, o que desde já agradecemos.

prova geral, registar a maior série será atribuída a taça «José Alaberna».

As médias estabelecidas para as três categorias são: para a 1.ª categoria: igual ou superior a 2,5; para a 2.ª: igual ou superior a 1,5 e inferior a 2,5; para a 3.ª: inferior a 1,5. Nas arbitragens serão observadas as disposições regulamentares em uso. O número total de jogadores inscritos é de 39.

A orgânica da velocipedia e o projectado remodelação

DEPÓS de forçado interregio de um mês, voltamos de novo a ocupar-nos dos assuntos ligados à prevista remodelação do ciclismo nacional. E fazêmo-lo, desta vez, abordando o problema no seu aspecto objectivo. Isto porque em redição dos corpos dirigentes da velha U. V. P. já ficou estabelecida, em principio, a maneira de resolver tão momentoso assunto. Antes, porém, de manifestarmos a nossa opinião, permitam-nos fazer algumas objecções:

Nesta tarefa, bastante ingrata, de proceder à remodelação dos estatutos e regulamentos, todos quantos dela se occuparem terão de considerar em primeiro plano os interesses da velocipedia. Antes de mais nada, deve cuidar-se da expansão da modalidade e do seu aperfeiçoamento técnico.

Nada de obstruccionismos, para defender passivos interesses deste ou daquele clube, desta ou daquela região.

Não haja a preocupação de verificar se determinado sector progredirá. Tenha-se sempre presente que não é dificultando a vida aos adversários — neste caso os clubes — que poderá conseguir-se trabalho meritório. Este só se obtém desde que a cooperação seja leal, desinteressada e sincera.

É necessário reparar que os melhores períodos do ciclismo nacional — as épocas de 1931 a 1935 e 1937 a 1940, tiveram origem no incomparavel espirito de entendimento verifi-

Campeonato Nacional de futebol

(Conclusão da pág. 7)

especialmente no que se refere à Divisão de Honra.

O começo da prova está marcado para o dia 25 do mês corrente. Mantem-se o número de concorrentes — 10 clubes, representando as associações distritais que conservam o exclusivo da prova: 4 clubes por Lisboa, dois pelo Porto e um para cada um dos outros distritos: Braga, Coimbra, Setúbal e Faro. Nesta altura dos respectivos campeonatos regionais, podemos considerar apurados: Bejaenses, Benfica, Sporting e Atlético, de Lisboa; Porto e Salgueiros do Porto, Vitória de Guimarães, Associação Académica de Coimbra, Vitória de Setúbal e Olanhense.

A estrutura do torneio é a mesma: prova em «poule», em duas «voltas», com a classificação por maior número de pontos e desempates, no final, nas condições do costume. A única novidade consiste em permitir um jogo de promoção à categoria superior, entre o clube vencedor do campeonato da II Divisão, e o último da I Divisão, se o primeiro daquela não pertencer a associações regionais representadas na Divisão de Honra.

Se o clube campeão da II Divisão vencer, neste jogo, dará à sua associação o direito de se fazer representar no campeonato da I Divisão, na temporada seguinte; o clube vencido provocará, com a sua derrota, a saída da respectiva associação, se tiver apenas um representante, ou a redução de um concorrente no número daqueles, se for de Lisboa ou Porto. É uma coisa complicada, que só assegura ao clube vencedor o direito de entrar no torneio se ganhar o campeonato regional imediato. Pode, pois, andar a trabalhar para os outros...

Para o torneio da II Divisão mantêm-se as mesmas bases da ordem geral, havendo apenas modificação na distribuição das receitas — a receita de qualquer desafio volta a pertencer ao clube visitado. Evitem-se deste modo algumas dificuldades. E a formação das séries regionais não deve variar grandemente. Terá, em resumo, a característica de prova disputada por muitos clubes, em «poule» regionais — que para alguns distritos são pouco mais do que a repetição do campeonato local.

cado entre os diversos sectores então ligados à modalidade.

Embora se pense que a criação das novas associações se pode fazer sem atender à organização simultânea da futura federação, nós julgamos que é imprescindível tratar o problema em conjunto, cuidando dos interesses e da «enxerria» dos organismos. É que a fundação das associações, embora tire à Federação certos encargos, provenientes da organização de provas regionais, serviços de secretaria e prémios — também lhe subtrai o melhor das suas receitas: — quotização individual e filiações dos clubes.

A nova Federação receberá ainda a importância das licenças — que nunca poderão deixar de ser passadas pela F. P. C. — e as taxas de filiação dos assoiçoes. Mas essas verbas, se não forem reforçadas e convenientemente administradas, utilizando-se apenas nas organizações federativas (campeonatos nacionais), de certo serão insuficientes para tal fim. Deminutas serão também as receitas nas novas associações, que contarão só com as verbas provenientes da filiação dos clubes e das licenças de corridas, as quais, a julgar pelo número de agremiações actualmente em actividade — excluindo os distritos de Lisboa e Porto — nunca poderão ser muito elevadas.

Pode parecer estranho que estejamos a misturar demasiadamente o assunto de orgânica financeira com o de ordem tecnica e administrativa. Mas no nosso país, mais do que em qualquer outro, todos eles se encontram, infelizmente, ligados.

Como conjugar então semelhantes problemas, resolvendo-os da maneira mais proveitosa?

Quanto a nós, deve facilitar-se ao máximo (respeitando, é claro, o estabelecido oficialmente) o agrupamento dos clubes, a criação das associações regionais, a organização de competições e a captação de ciclistas para as hostes velocipedicas, dentro de princípios novos e acessíveis, embora seja preciso remodelar muito do que está estabelecido para o efeito. É necessário criar também novas receitas, umas obrigatórias, outras obsequiosas, para acudir às necessidades do ciclismo. E, como complemento, há necessidade de estimular a vida da velocipedia regional, que é, de resto, o fulcro da expansão do ciclismo português, sabido que, nos grandes centros, raro surgem atletas de valia.

Assim, por que não tentar a criação de associações regionais em Faro, Beja, Coimbra — que já se manifestou nesse sentido — Aveiro, Leiria e Braga, cidades que já têm possibilidades de arcar com semelhante encargo?

É certo que nesses distritos não há os três clubes exigidos para a fundação da associação. Mas estas, em regime de experiência, não podem estar representadas por um clube, com funções análogas às das actuaes associações?

Esses clubes ficariam estimulados com as atribuições que lhes eram conferidas, as quais, criando-lhes obrigações, os levariam de certo a movimentar a velocipedia nas regiões da sua jurisdição.

A esses organismos poder-se-las conferir funções de organizadores de pequenas provas regionais, que seriam patrocinadas pelas casas de bicicletas. E também a esses clubes poderia ser atribuído, e nestes casos oficialmente, alvitrou há tempos o nos-o colega Manuel Mota, o en cargo de «examinar» os candidatos a ciclistas — isto para efeitos de novas matriculas.

Não foi durante tantos anos o Automovel Clube de Portugal que «encartou» os automobilistas portugueses?

Não são ainda as Sociedades de Tiro que elegem os mestres atiradores? Por que não hão de ser os clubes de ciclismo, integrados na federação da modalidade, a verificar se um futuro ciclista sabe ou não andar de bicicleta?

Muito mais se poderá fazer para ajudar o ciclismo a enveredar pela nova orgânica. Mas de tal fal rémos em novo artigo, pois é-te já val longo.

GIL MOREIRA



O DOMINGO DESPORTIVO NO PORTO

FUTEBOL: 1 — Pepe voltou a alinhar pelo Salgueiros, no jogo contra o Académico. Ei-lo preparando-se para rematar; 2 — O Boavista perde um «goal» no seu encontro com o Leixões

«HOCKEY» EM PATINS: Na final da «Taça de Honras», ganho pelo Académico — 3 e 4 — Duas fases de ataques às rédes da Académica de Espinho; 5 — As equipas finalistas: de pé, a do Académico F. C., que venceu, e no primeiro plano, a da Académica de Espinho

(fotos Hermann)